

de honra. Foi sempre extremamente dedicado à Academia, que via como a “menina dos seus olhos”. No biênio em que tive o privilégio de presidi-la, tive em Sampaio um dos melhores colaboradores. Jamais se negou a um pedido meu para que proferisse alguma conferência ou mesmo simples fala ocasional a propósito de efemérides literárias ou ocorrências significativas na vida cultural da cidade ou do País. Citaria, para exemplificar, dois casos: as conferências sobre Carlos de Laet e Otoniel Mota, que tive o prazer de incluir nesta publicação, da qual, aliás, diga-se de passagem e como gratidão, foi sempre um entusiasta, animando-me sempre a prosseguir nesta tarefa, que iniciei ao tempo em que o tive como Diretor na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de nossa Universidade.

Era Sampaio um dos poucos sobreviventes (creio que agora resta apenas um...) do grupo inicial convocado pelo saudoso Monsenhor Salim para fundar em Campinas, nos idos de 1941, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, origem, como todos sabem, de nossa hoje grandiosa Pontifícia Universidade Católica. Com a reforma de 1970, que desmembrou as antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras em diversas unidades universitárias, Sampaio teve a seu cargo a organização do Instituto de Letras, que dirigiu enquanto suas condições de saúde o permitiram.

Serviu à cidade, ainda, numa passagem, embora rápida, pela política e pela administração, quando integrou nosso Legislativo e exerceu o cargo de Secretário da Educação do Município. Mais afeito a ensinar que a escrever, deixou, contudo, escritos valiosos (alguns em colaboração com o pai, o renomado professor B. Sampaio), sendo de se destacar: **Um poeta campineiro: B. Sampaio, Santa Teresa de Jesus e outros escritos, Renembranças e Palavra, pátria minha.** ONM

*

PRESERVANDO A MEMÓRIA DA SANTA CRUZ

Tivemos conhecimento, há pouco, de uma exposição de jornais e revistas de bairros, realizada na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no antigo Distrito de Santa Cruz. Santa Cruz — sabem-no todos os que têm algum conhecimento da história do Rio de Janeiro — é uma das regiões mais “históricas” do antigo Distrito Federal. Sede de importante fazenda dos jesuítas, encampada pelo governo após a expulsão dos discípulos de Santo Inácio, tornou-se local privilegiado ao tempo de D. João VI, que restaurou a fazenda, fazendo-a ponto de viliatura, visitada e descrita por inúmeros viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no século passado. Um deles, Debret, desenhou-a, num documento iconográfico precioso. Todos os historiadores do Rio de

Janeiro evocaram-na em páginas repletas de magníficos ensinamentos: Lamego, Noronha Santos, Vieira Fazenda, Pizarro e mais recentemente o saudoso geógrafo da Universidade de São Paulo, Renato da Silveira Mendes, que tomou a Baixada Fluminense (ou melhor, as paisagens humanas da Baixada Fluminense) como tema de sua importante tese de doutorado, transformada posteriormente em livro, e no qual a velha Santa Cruz ocupa lugar de destaque. Com ele, ao tempo de suas pesquisas (década de 40), viajamos largamente pela região.

Com passado histórico de tal força, era natural que se constituísse em Santa Cruz uma entidade dedicada a estudos históricos. De fato, assim ocorreu com a fundação, em 1984, do **Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica**, associação civil, sem vínculos político-partidários, sem fins lucrativos, com o objetivo de “realizar pesquisas, divulgar a história local, dinamizar a cultura e desenvolver campanha visando à preservação dos bens culturais da região”, segundo consta do prospecto que gentilmente nos foi enviado pelo Professor Sinvaldo do Nascimento Souza, um dos grandes animadores do **Núcleo** e provavelmente seu próprio fundador.

Belo programa, o do **Núcleo**, que, a ser executado, contribuirá e muito para a preservação da memória histórica de toda a Zona Oeste do antigo Distrito Federal. Mais ainda: digno de ser imitado. Há, atualmente, um grande interesse pela história local, cuja pesquisa vem sendo incentivada por entidades oficiais e particulares e pelas próprias Universidades. O **Centro de Memória** de nossa UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) é um exemplo. Mas, demorou que tal se realizasse em nossa cidade. O autor desta nota, por anos e anos, clamou pela criação de um Centro de Documentação e Pesquisa (ou que outro nome tivesse), sem que ninguém lhe desse ouvidos. Felizmente melhores ventos sopraram e a idéia acabou vingando e efetivamente levada a efeito pelo **Centro de Memória**, em proporções até mais vastas do que inicialmente se pleiteou. Isto, graças ao Professor Amaral Lapa, que, para tal, contou com todo o apoio da Reitoria de nossa UNICAMP.

Mas, o exemplo de Santa Cruz vem provar que, mesmo sem vinculação com universidades ou quaisquer outras entidades oficiais ou particulares, o trabalho pode ser realizado. É só ter alguém de boa-vontade que leve avante a iniciativa. Temos tido notícias, ultimamente, de numerosos “espaços culturais” instalados em antigos edifícios desativados na sua finalidade original (estações ferroviárias principalmente) e que acabaram se transformando em museus. Não basta o museu, por importante que ele seja. Ensina a moderna museologia que um museu não deve ser apenas exposição. Ao lado dela, e sem prejuízo dela, deve ser também um centro de estudos e de pesquisas, dotado de arquivo e biblioteca, aberto à investigação dos interessados. Foi o que, por exemplo, há quase setenta anos, entendeu mestre Afonso de Taunay quando assumiu